

RESENHA CRÍTICA:

Por: Carlos Augusto Serbena

Psicólogo, Mestre em Psicologia e Sociedade (UFSC), doutorando em Ciências Humanas no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH/UFSC)

MAFFESOLI, M. (2004). *A parte do diabo*: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record.

Em seu percurso intelectual, Michel Maffesoli mostra e partilha com outros autores a tese de que existe um projeto homogêneo de domínio da natureza, do indivíduo e da sociedade. Ele possui como seus matizes correspondentes nas ciências físicas, no freudismo, no behaviorismo e nos positivismos em geral e que teve seu apogeu no século XIX e pretendeu planificar a felicidade individual e social exclusivamente através da utilização dos instrumentos da razão. O indivíduo é considerado como senhor de si e do mundo ao seu redor, uma entidade homogênea, tendendo a perfeição e a unificação, um átomo social e físico. O contraditório, o aleatório, o fantástico e a pluralidade existentes no indivíduo, na sociedade e no real são considerados desvios e erros, devendo ser reduzidos ou eliminados. Este pensamento procura unificar, controlar e racionalizar. A solidariedade e a comunhão naturais tendem a ser substituídas por uma estrutura social racionalizada e racional e por dispositivos de comunicação entre os indivíduos.

Deste modo, Maffesoli e outros pensadores da pós-modernidade mostram que este indivíduo como uma unidade articulada, homogênea e racional, tal como a modernidade o conceitua não passa de uma ilusão ou um fantasma do desejo deste pensamento. A complexidade do mundo, sua pluralidade de valores, a contradição dos afetos não podem ser reduzidos a uma unidade abstrata. O pensamento mítico exprimiu esta

heterogeneidade em uma multiplicidade de deuses com vidas desregradas e aventureiras, um politeísmo que integra com lógica contraditorial e os vários elementos heterogêneos que compõe o real, o social e o indivíduo. Por outro lado, a expressão mítica da racionalidade e dos valores ocidentais é um monismo cristão que valoriza a ordem, a hierarquia, a perfeição e o dever-ser e está representado na imagem de um Deus único e do bem absoluto que desencanta o mundo. Deste modo, exclui a desordem, o caos, a heterogeneidade e a contradição associando-os ao Diabo e ao mal, diminuindo ou impedindo uma dinâmica natural e relativista que conduz o mundo a Unidade e, por extensão, ao totalitarismo, a inércia existencial e ao tédio. Entretanto, esta dinâmica é contínua e regularmente ocorrem explosões deste recalcado, da desordem e das paixões. Estas explosões evocam justamente a pluralidade de valores, o politeísmo, a multidimensionalidade e dificilmente são controláveis, pois se encontram ocultas na estruturação social. Neste sentido elas são francamente subversivas, estilhaçam a ordem social, agitam, transgridem a moral e o dever-ser, mas atraem os indivíduos, pois elas são depositárias das projeções de todos os prazeres e satisfações que os indivíduos não podem obter na normalidade ou nas vias legais.

A sociedade contemporânea aparece multifacetada e sem sentido, as tentativas de pensá-la e teorizar sobre ela muitas vezes esbarram em algumas teorias negativistas ou catastróficas como o esvaziamento do indivíduo e da cena política, na manipulação ideológica, da falta de sentido e de projetos entre outros. Entretanto, entre todos parece haver um consenso no sentido da saturação do pensamento do Iluminismo, na crença do progresso, da razão, do trabalho como valor supremo e do desenvolvimento contínuo, o laborioso Prometeu parece que está se retirando de cena coloca Michel Maffesoli. Dirigindo o Centro de Estudos do Atual e do Cotidiano (CEAQ-Paris V) e resgatando conceitos marginalizados pela corrente principal do pensamento nas ciências humanas tais o mito, o imaginário, os arquétipos e o que denomina “constantes antropológicas” este autor constrói um ponto de vista original e fecundo para entender os tempos pós-modernos. Ele privilegia o subterrâneo do dinamismo social, a vida e o vivido antes de sua institucionalização e estabilização em estruturas, mostra que estes relativizam os valores e são essencialmente plurais. Procurando olhar sobre os “resíduos” da análise social, sobre o cotidiano e a vida comum que é o fundamento de toda a sociedade, ele mostra que o mito, o imaginário, os arquétipos sempre estiveram presentes, mesmo

